



A MULHER E SEUS NOMES: PERCURSOS DA FEMINILIDADE EM CLARICE LISPECTOR

Autor: Lucas Leite Borba; Co-autor: Hermano de França Rodrigues; Ivanildo da Silva Santos
Orientador: Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba

Resumo: A prostituição é um dos mais antigos ofícios. Há registros de sua presença já nas primeiras civilizações, nas quais as prostitutas são consideradas sacerdotisas xamânicas, cujas profecias eram regadas a práticas sexuais. Nesse cenário, o sexo assume um caráter comercial e o corpo feminino uma porta ao desconhecido. À semelhança do que ocorria na esfera cotidiana, onde animais, grãos e outros utensílios consubstanciavam as relações mercantis, nos templos, os augúrios reclamavam a luxúria e o dinheiro. Posteriormente, a moral cristã, que viria a se enraizar no Ocidente, retirou as prostitutas de sua posição sagrada, marginalizando-as e profanando suas ações, reduzindo-as a figuras abjetas e incitadoras do pecado. Doravante, a imagem da profissional do sexo permanece relacionada à podridão e à promiscuidade. Na contemporaneidade, olhares científicos se debruçam sobre as vicissitudes desse corpo mercadológico. Nessa esfera, as contribuições psicanalíticas ganham destaque. Aqui, a prostituição surge como processo subjetivo arraigado ao complexo de Édipo. Para Freud, o mundo do sexo é o domínio das fantasias. Destarte, propusemo-nos a analisar o conto Praça Mauá, escrito por Clarice Lispector e publicado na coletânea A Via Crucis do Corpo, em 1974. A narrativa apresenta duas prostitutas como protagonistas, Luísa e Celsinho. Este, uma travesti que, segundo o narrador, sente-se mais mulher do que aquela. O enredo nos conduz pelo cotidiano das personagens, demarcando a duplicidade da prostituição, já que durante o dia, no âmbito doméstico, submetem-se ao marido e aos filhos e, à noite, trabalham no cabaré Erótica, submissas aos desejos de seus clientes. Destarte, utilizaremos os estudos da psicanálise freudiana e o aparato histórico promovido por Rago (1990) e Robert (1987), a respeito do mercado do sexo e da cultura dos cabarés, a fim de analisar como o comércio do sexo afeta a vida das personagens. Além disso, investigaremos as noções de feminilidade expostas na obra literária e aprofundaremos nos ideias culturais e morais que cindiram a mulher em duas, a santa e a prostituta.

Palavras-chave: Literatura; prostituição; psicanálise.

Introdução

A medusa é uma das mais emblemáticas figuras da mitologia greco-romana e sua simbologia ultrapassa o famoso olhar petrificante. Sua imago está relacionada ao trágico, à solidão e à incapacidade de amar e ser amada. Odeia os homens, pois havia sido seduzida pelo deus dos mares, e repugna as mulheres por serem belas, como ela fora um dia. O mito de medusa se dá na transmutação de uma mulher, sacerdotisa de Atena, em monstro. A maldição, rogada

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.co

pela deusa da sabedoria, fora uma punição por ela deitar-se com Poseidon em seu templo. O castigo para a donzela se deu na transformação de seus cabelos em serpentes e o olhar pernicioso, que petrifica aqueles que a olham. Os pintores e artistas a retratam como um ser asqueroso, todavia, as histórias acerca dessa criatura mitológica ratificam sua beleza. Medusa já fora uma bela mulher.

O arquétipo de medusa reverbera no contemporâneo, no qual temos um feminino cerceado de interditos. A mulher, vista como um objeto, alvo dos olhares alheios, ratificando um prazer escópico que ronda seu corpo, visando apenas o gozo e o prazer, forma as Este espectro da mulher, dialoga-se com a prostituta, uma figura tida como abjeta, mas que, na verdade, é oprimida e não reconhece o próprio poder, nem sua ação criativa, produtora e sedutora. Assim como o olhar mortífero da medusa paralisa principalmente os homens que vêm ao seu encontro, a prostituta parece despertar os desejos primitivos daqueles que a procuram, entorpecendo-os em sortilégios e volúpia.

Portanto, no presente trabalho, analisaremos no conto Praça Mauá, escrito por Clarice Lispector, as noções de feminilidade expostas na obra literária e aprofundaremos nos ideias culturais e morais que cindiram a mulher em duas, a santa e a prostituta. Para tanto, utilizaremos do corolário de teorias psicanalíticas à respeito da sexualidade feminina e sobre a relevância das fantasias acerca da prostituição, tanto no imaginário social, quanto no desenvolvimento psíquico.

1- Entre Maria e Madalena: Percorso histórico da prostituição

Na alvorada da civilização humana predominava o matriarcalismo. As mulheres eram valorizadas por serem responsáveis pela perpetuação da espécie e o feminino era a representação da Deusa do Amor, uma divindade arcaica, anterior ao patriarcado, que havia criado toda a vida. Concomitante a isso, o sexo, na antiguidade, não possuía um caráter pecaminoso e a religião não o condenava, ao contrário, consagrava-o como uma elevação espiritual. Nesse cenário, as prostitutas eram consideradas sacerdotisas xamânicas, cuja função era a de coordenar os rituais sexuais. O sexo era levado aos templos como sacrífico, uma forma de acessar o divino. À semelhança do que ocorria na esfera cotidiana, onde animais, grãos e outros utensílios consubstanciavam as relações mercantis, nos templos, os augúrios reclamavam a luxúria e o dinheiro. Entretanto, com a disseminação da moral cristã, no início da Idade Média, as prostitutas, retiradas de sua posição sacra, foram reduzidas a figuras abjetas



e incitadoras do pecado. Os sincretismos religiosos cindiram a imago da Deusa do Amor em duas, na mitologia greco-romana, têm-se Deméter e Afrodite, como representantes dessa divindade ancestral. A primeira possui o arquétipo materno e fertilizador, enquanto a segunda está relacionada à luxúria e aos prazeres carnavais. Tais representações reverberaram pelas culturas vindouras, refletindo-se em imagos como Maria e Madalena, a mãe, santa, e a prostituta, promíscua.

À vista disso, a imagética da profissional do sexo modelou-se ao longo dos anos em torno da marginalização e da luxúria. Sua figura impõe-se como detentora dos segredos do sexo, que, impregnados pela cultura católica/protestante, transformaram-se em um tabu. Todavia, à prostituta nem sempre fora designada uma posição desprestigiada, como, por exemplo, no século XII, quando o amor cortês imperava na cultura europeia e os casais passaram a ser destituídos de sentimentos mútuos, promovendo um terreno fértil para a disseminação dos favores sexuais, que, em nome de interesses político-econômicos, passou a ser regulamentada e protegida por lei. A prática, já tão enraizada, não se dissipou nem mesmo com a Reforma religiosa no século XVI, época em que o catolicismo e o protestantismo puseram a prostituição na clandestinidade, posto que as cortesãs continuaram a existir nas cortes.

Assim, o comércio sexual sempre se fez presente nas várias esferas sociais, com ou sem legalização, modelando-se de acordo com as proibições e com os desejos, delas e dos clientes. Um exemplo dessas mutações sofridas no mercado sexual se dá na idade moderna quando, devido à revolução industrial, as mulheres enfrentaram condições trabalhistas desiguais em relação aos homens, logo, prostituir-se revelou-se, para algumas mulheres, uma opção para melhorar suas condições de vida. Desse modo, no universo da prostituição, as mulheres precisam de seus clientes e vice-versa, já que, sem procura, não há demanda. Destarte, por qual motivo os homens, mesmo os casados ou em relacionamentos estáveis, buscam satisfazerem-se com essas mulheres tidas como devassas e cujos sortilégios, segundo os preceitos morais, levam à perdição e ao pecado?

Não se pode dizer qual posição as prostitutas assumem na psique do homem, com precisão, mas, por ela estar à margem da sociedade, encarna-se a possibilidade de uma sexualidade sem entraves, uma liberação sexual. Os homens, a fim de desconsiderar os limites impostos pela moral sexual, refugiam-se na prostituição. Eles recorrem à mulher luxuriosa para satisfazer as fantasias que não podem ser realizadas com suas esposas, devido aos códigos morais que vislumbram o sexo como meio de reprodução, apenas. Historicamente, a imagem da mulher fora cindida, entre a santa e a prostituta. A primeira é destinada a coordenar o lar,

promover o bem-estar do marido e dos filhos, destinada a conter seus desejos e evitar os prazeres da carne. A prostituta está associada ao gozo sem limites, distanciando-se da procriação e da castidade matrimonial. Embora sejam díspares em seus estereótipos, essas figuras femininas se atraem, ao passo que, não raro, seus anseios esboçam uma mesma subjetividade, quando suas rotinas se duplicam: durante o dia restringe-se ao âmbito doméstico, e à noite imerge no universo luxurioso e lucrativo da prostituição.

Dessa forma, a profissional do sexo representa liberdade, independência e poder, associando-se à liberação dos preceitos morais. Era tida como uma figura pública, que podia comercializar o próprio corpo, aventurando-se na livre troca monetária, dissociando sexo e amor. Não obstante, a imagem da prostitua sempre tivera, em diferentes níveis, faces depreciativas. Isso porque a mulher, ainda que não dada às trocas sexuais, que se enfeita demasiadamente, vestindo saltos e decotes generosos, já é taxada como “puta”. A aproximação com o visual das prostitutas era sinal de desprestígio e desrespeito à norma. Segundo Margareth Rago (2008), A vaidade era um sentimento condenável na mulher, na lógica das feministas, para quem a preocupação com o corpo e com a imagem era sinônimo de esvaziamento espiritual. Portanto, há, por trás dessas recomendações moralistas, o espectro da prostituta, pois, embora nem seja citada, paira constantemente a ameaça sobre a mulher de ser confundida com a “decaída”, se usar roupa muito decotada, uma saia muito curta, se exhibir muitas joias ou se se pintar exageradamente.

Outrossim, as diferentes elucubrações acerca da prostituição, durante a história, revelaram a imagem de uma feminilidade cindida. À esposa não era permitido as delícias do sexo, e às prostitutas era negado o prestígio social. Ao lidar com o comércio sexual, debruçar-nos-emos sobre mulheres limitadas por preceitos morais enraizados pelo tradicionalismo. Dentro do universo da prostituição, observamos mulheres, mesmo que à margem, transgressoras e representações vívidas da liberdade sexual dos costumes. A prostituta mantém um duplo padrão de vida, sua face resguarda múltiplos femininos que oscilam entre o sol e a lua, atendendo às funções que os horários exigem. Vemos, no corpo promíscuo, a porta para o feminino desconhecido, sua imagem é temida pois coloca os sujeitos defronte aos seus desejos mais profundos e primitivos.

2- A prostituta e o desenvolvimento psíquico

Uma das grandes contribuições de Sigmund Freud para o estudo da psique humana, deve-se às suas elucubrações quanto à sexualidade. Na obra *Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), o pai da psicanálise desconstrói as ideias acerca dos primeiros desenvolvimentos sexuais, ratificando que o sujeito desbrava a própria sexualidade desde a mais tenra idade. Freud (1905) entende esse fenômeno como algo de maior amplitude do que o coito propriamente dito. Para ele, o corolário de escolhas objetais, percursos, desejos e pulsões, modelam nossa estrutura psíquica, e a esse amalgamado de mecanismos e vicissitudes, ele chama de sexualidade. Nos percursos do desenvolvimento sexual humano, há uma distinção entre a sexualidade feminina e a masculina. Uma das maiores críticas aos preceitos de Sigmund Freud se dão pelo fato da não exploração da sexualidade feminina. Os questionamentos freudianos a respeito desse espectro da psique feminina esbarram em sua dúvida inefável: Afinal, o que quer a mulher? Tal dúvida permaneceu em aberto, até mesmo Lacan (1985), que propõe uma releitura das obras do mestre vienense, considera a mulher um continente negro. Por fim, a Maria Rita Kehl, na obra *Deslocamentos do Feminino* (2016), afirma que o mistério imposto à figura feminina deriva do próprio Freud, que utilizou das incertezas para escapar de fatos que ele mesmo não queria ter conhecimento sobre.

Desde o nascimento, o sujeito traça suas escolhas e determina seus possíveis destinos. Dentre as travesseias percorridas pelos indivíduos, temos a relação primeva, que reverbera diretamente em sua constituição, os laços parentais. As imagos do pai e da mãe são as com que a criança primeiro entra em contato, e uma das vicissitudes dessa ligação se dá no Complexo de Édipo. Esse fenômeno, do qual nenhuma criança escapa, como afirma Nazio (2006), possui peculiaridades, diferenciando-se em sua ação no menino e na menina. Focando nas elucubrações acerca do Édipo feminino, temos que a criança, em seu universo fantasmático, imagina possuir o pênis. Ao perceber que não detém o falo, distancia-se do seu progenitor, por privá-la desse. Há então, o abandono da figura materna e inveja do menino, pois esse detém seu objeto de desejo. Posteriormente, ela aproxima-se novamente do pai, a fim de pedir-lhe o que ela anseia, e ao ter seu desejo negado, a menina buscará assumir o papel do falo propriamente dito. Buscará a atenção do pai, almejando ser a favorita do mesmo e, conseqüentemente, identificando-se com sua mãe, enxergando-a como um molde de feminilidade e mulher almejada. Por fim, há a tentativa de possuir seu progenitor, que a nega novamente, em decorrência disso, haverá a dessexualização do pai e a incorporação da sua pessoa. Após isso, ela começa um caminho rumo ao “tornar-se” mulher e se abre para outros homens, descobre a vagina, o útero, escanteia o falo, substituindo-o pelo desejo de ter um filho de seu companheiro.

Nos versos da famosa canção popular, o xote das meninas, interpretado e composto por Luiz Gonzaga, há uma descrição de como, possivelmente, como se dá o desenvolvimento da menina. Toda menina quando enjoa da boneca, é sinal de que o amor já chegou no coração. Meia comprida, não quer mais sapato baixo. Vestido curto, não quer mais vestir timão. Ela só quer, só pensa em namorar. O desenvolvimento da mulher está alicerçado em sua sexualidade, nota-se que amadurecer é assumir a postura feminina de objeto desejado. Enjoar-se da boneca significa largar dos laços paternos e maternos, buscando relacionar-se com outras pessoas. Seu pai já não é mais o único homem. A escolha por roupas mais arrojadas se perfaz como a metáfora de assumir a própria sexualidade, utilizar do corpo e de seus sortilégios para conquistar os homens. Segundo Calligaris (2013), há três possibilidades de se escapar do Édipo. Uma delas é quando a mulher estabelece com seus amantes o mesmo valor de desejo que atribuiu ao pai, não se entregando sexualmente ao companheiro, permanecendo casta e “santa”, pois não quer carecer do amor pelo pai. Outro modo se dá quando a mulher se sente traído, ao invés de superar o desejo paterno, e fantasia: Quero todos os homens no lugar de um. Oposta ao primeiro resultado, a figura feminina assume os aspectos da prostituta, não só apenas no sentido mercadológico, mas simbólico também, no que tange à entrega de homens desconhecidos, como é, aparentemente, o caso de Bruna Surfistinha . Diante desses dois caminhos, no filme A Bela da Tarde , temos uma protagonista que, ao não conseguir relacionar-se com o marido, eroticamente, torna-se uma prostituta e realiza seus desejos sexuais com os clientes, sem perder o amor que tem pelo marido, e exercendo sua sexualidade. A terceira e última escolha, conjectura-se na fusão da promiscuidade com o amor, pode-se amar e entregar-se sexualmente, fusionando Afrodite e Deméter numa só figura. Esta é a elaboração plena da problemática edípica. Outrossim, nota-se, que no desenvolvimento psíquico feminino, a imago da prostituta se faz presente como representação da liberdade sexual e da não restrição dos sentidos. Luiz Gonzaga canta que a menina troca bonecas por namorados; sapatos baixos por saltos; e o timão por vestidos curtos, a música esboça uma das travessias possíveis que a mulher trafega rumo à sua constituição sexual/psíquica.

Conquanto, Contardo Calligaris (2005) afirma que a origem da prostituição se encontra também no significante prostituta, que a mulher tem que assumir no ato de sua castração, quando percebe que não detém o falo. A menina, fantasiosamente, deve trair o pai em prol de seu desenvolvimento psíquico. O autor evoca uma face da prostituição como uma experiência obrigatória à erotização do corpo feminino, a fim de que a menina escape das malhas edípicas e torne-se mulher, entrando em contato com um gozo que lhe é possível de ser realizado. No

entanto, Dolto (1988) problematiza outros fatores referentes às fantasias da prostituição. A autora ratifica que existe um complexo fálico, no qual as figuras masculinas e femininas estão imergidas, e de onde ambos tiram forças para ser, produzir e sustentar-se. Assim, outro fator é agregado à prostituição: a mulher, criada para ser passiva, desenvolve uma relação de suserania e vassalagem com seus clientes, subjugando-se voluntariamente aos desejos do Outro. Esse cenário, segundo a psicanalista francesa pode levar essas mulheres a uma posição extremada, na qual ela seria incapaz de negar nas condições do mercado sexual.

3- Percursos da feminilidade em Clarice Lispector

Clarice Lispector é uma escritora cuja obra desbrava a alma humana e é caracterizada por intimismo e profundidade únicos, que apresentam caráter universal. Destarte, no conto a ser analisado, Praça Mauá, Clarice debruça-se sobre a prostituição, tratando-a de forma inusitada e introspectiva. O jogo de metáforas no texto, empreende a prostituição como uma das máscaras do feminino, um subterfúgio da mulher, utilizado para assumir uma nova posição, na qual se pode viver a própria sexualidade, e até mesmo, a própria feminilidade. O conto supracitado compõe a coletânea A Via Crucis do Corpo (1974) e, nele, não há exceção das peculiaridades que a estética clariceana prevê. A diegese é composta por duas protagonistas, Luísa e Celsinho, uma travesti, ambas prostitutas que se submetem ao duplo padrão de vida que a profissão exige. Durante o dia, donas de casa, e, à noite, frequentam os cabarés, trocando sexo por dinheiro. O clímax da narrativa se dá quando Celsinho, tomado por ciúmes e inveja, desnuda Luísa de sua máscara em plena madrugada, no horário de trabalho, quando acusa-a de não ser tão mulher quanto ele, já que não tinha filhos e nem possuía habilidades domésticas.

O conto se inicia com as características de Luísa, cujo nome de batalha é Carla. A personagem é descrita como uma mulher desleixada e preguiçosa. Durante o dia dormia, e, à noite, dançava, trabalhava de dois modos: dançando no meio da rua e enganando o marido. Notamos, então, um feminino díspare dos demais, uma mulher casada que não se ocupa com o labor doméstico, já que Joaquim e ela não se ligavam. Ele trabalhava até dez horas da noite. Ela começava a trabalhar exatamente às dez. Dormia o dia inteiro. A sexualidade adormecida de Luísa reverbera em Carla, que veste roupas provocantes, ou, até mesmo, apenas calças jeans, enquanto os seios despidos e fartos saltam conforme a dança. Luísa foge de sua vida, mergulhando-se no universo da prostituição, no qual, além de vivenciar a própria sexualidade, pode assumir o controle de seu próprio corpo. Ademais, os cabarés são regados à luxúria e à

volúpia, criando ambientes entorpecentes, espaços onde os sujeitos visam saciar seus desejos mais sórdidos. O cabaré Erótica, no qual Carla trabalha, não foge à regra, e ela se aproveita dos clientes sedentos, embebedando-os com o que há de mais caro e arranca-lhes dinheiro, além da quantia prevista pelo vínculo consumidor/produto. Dessa forma, Luísa possui independência financeira, um refúgio de sua vida "normal" e um marido que lhe oferecia o status de mulher da sociedade, casada. Todavia, algo faltava à Luísa, algo que nem Carla, como uma fantasia realizadora dos limites do desejo, conseguia saciar.

Outrossim, a esposa de Joaquim tinha um amigo que também trabalha à noite no Erótica, cujo nome é Celsinho. Esse homem é, na verdade, uma travesti que, à noite, se transforma em Moleirão e, junto com Carla, utiliza dos sortilégios característicos da feminilidade para ganhar a vida. Celsinho, ao contrário de Luísa, tem uma filha. Por essa criança, muitas vezes, ele sacrificava o sono, para poder cuidá-la, levá-la à escola, ao parque e brincar. Além disso, Celsinho era habilidoso nas atividades domésticas, investia o dinheiro que juntava nas noites em ações, e possuía um bom patrimônio, tudo para o investimento no futuro de Claretinha, sua filha. Celsinho queria para Claretinha um futuro brilhante: casamento com homem de fortuna, filhos, joias. Em contrapartida, Luísa tinha apenas um gato, que a olhava com olhos azuis e duros. O animal é uma metáfora da realidade supérflua de Luísa. Os gatos são animais tidos como anti-sociais, egoístas e ríspidos, todavia, apresentam carinho único por aqueles que o alimentam. Como ela não dispunha de tempo para cuidar dele, pois, ora estava dormindo, ora estava dançando, ora fazendo compras, o tratamento frígido que recebe do gato é reflexo do desleixo que Luísa possui para com os outros, seu egoísmo é seu pecado. A figura do gato também está relacionada ao azar, à bruxaria e a maldições, assim como é vista a sexualidade feminina. Dessa forma, os olhares do gato também são aqueles que atravessam o continente negro, como é chamada comumente a feminilidade e o prazer da mulher. O olhar petrificante do gato é o que desvela a máscara de Luísa, expondo uma mulher que não tem apego ao futuro, que valoriza apenas aquilo que é efêmero, a matéria e o corpo.

O ápice da diegese é a ruptura da parcimônia entre Celsinho e Luísa. Enquanto conversavam no cabaré, adentrou um homem que logo despertou a atenção da travesti. Entretanto, o cliente desejava Carla, e chamou-a para uma dança. Então, Moleirão roeu-se de inveja. Era vingativo. Após fazer o seu trabalho Carla sentou-se novamente ao lado do amigo e, inocentemente, comentou o quão era gratificante dançar com um homem de verdade. Assim, Celsinho, num lapso de ira, levantou-se e exclamou: Você! Não é mulher coisa alguma! Nem

ao menos sabe estalar um ovo! E eu sei! O cabaré estava cheio de homens e mulheres, a maioria casados e donas de casa. O duplo padrão de vida era permitido nos recônditos da cidade e à luz da lua, ao amanhecer todos voltavam a sua rotina costumeira. Mas nesse momento Luísa estava despida de sua máscara, havia sido atingida em sua feminilidade mais íntima, como se o sol se irradiasse em plena madrugada e ela estivesse nua enquanto todos a encaravam. Era menos mulher do que uma travesti, um homem.

À vista disso, temos que as vestes da prostituição já não mais aplacavam sua feminilidade, algo lhe faltava. Sentia falta do ser mulher, não havia tido esse momento ainda, pois seu marido não lhe dera filhos, e nem ela os queria, pois estragaria seu corpo. Luísa já não mais sabia quem era fora do Erótica, estava presa à sua imagem de prostituta, submissa aos ditames de um terceiro, paralisando-a de modo que a incapacitou de negar à prostituição. Estava sozinha no mundo, sentada na Praça Mauá, como a mais vagabunda das prostitutas, encarava os postes, buscando uma luz a guiá-la para fora de seu sofrimento. Seu pensamento estava fixo nas palavras vorazes de Celsinho. Retirando Luísa do ambiente fantasioso e afrodisíaco ambiente dos cabarés, restava apenas a fraca iluminação da rua, uma praça onde podia sentar-se e no céu as estrelas. Ao largar a alcova onde tudo é permitido, e se pode viver qualquer personagem, Luísa se depara com a angústia de viver e com as metas não cumpridas que a sociedade lhe impusera. Assim como a lua, ela tem fases, ao passo que enche, também minguá. Carla já não era suficiente para aplacar suas faltas. Logo, o cenário solitário e sombrio no qual Luísa se encontra no final da narrativa é o retrato do feminino que busca uma essência partindo de seu interior, embarcando numa viagem cujo fim é certo, mas o caminho é infinito.

Considerações finais

Conforme o exposto, buscamos, nesse trabalho, ressignificar a figura da prostituta, e identificar os espectros do feminino que se expressam na subjetividade de Luísa e Celsinho. Ao retirarmos a prostituição de sua posição abjeta e pecaminosa, enxergamos sua presença atemporal nos percursos históricos, configurando-a como símbolo de independência sexual e símbolo da liberalização dos prazeres. Já, na visão psicanalítica, não dispomos de uma teoria específica para tratar do assunto, mas, aproveitando os resquícios teóricos de Sigmund Freud acerca do Complexo de Édipo e de seus artigos que tratam de feminilidade, notamos a imago da profissional do sexo como simulacro do desenvolvimento psíquico/sexual tanto dos homens, quanto das mulheres.

Debruçando-nos sobre a tessitura literária clariceana, deparamo-nos com femininos que se entrecruzam. Uma mulher sem perspectivas de um futuro próspero, que vê no universo da prostituição uma saída de sua monotonia e um homem, cuja feminilidade extrapola sua anatomia, que se traveste de mulher e assume o papel que, tradicionalmente, é imposto à figura feminina, o de dona de casa, mãe e esposa. O choque entre essas figuras resulta numa “crise” de identidade, gerando a pergunta que não se tem resposta, pois, ao nos despir das máscaras que nos revestem e protegem durante o cotidiano voraz, principalmente no que tange às mulheres, o que resta? Quem somos nós? O que é ser mulher? É por esses meandros que trafegam as crises existências de Luísa, ao se ver em pleno horário de trabalho destituída de sua imagem como prostituta, e vista como mulher, que não tinha filhos, nem cuidava do lar e muito menos do marido. Em Luísa, encontramos um feminino que busca uma essência, pois ao ser considerada “menos mulher” do que um homem, entra em estado de culpa e dor, rumo ao infinito caminho de encontrar-se.

Referências

CALLIGARIS, E. Prostituição – O Eterno Feminino. São Paulo: Editora Escuta, 2005.

CECCARELLI, P. R. Prostituição – corpo como mercadoria (2008). Disponível em: http://ceccarelli.psc.br/pt/?page_id=157. Acesso em: 10 maio de 2018.

FREUD, Sigmund. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

LISPECTOR, Clarice. A Via Crucis do Corpo In. Todos os contos. Rio de Janeiro: Rocco, 2016.

MUCHEMBLED, Robert. O Orgasmo e o Ocidente. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2007.

ROBERT, Eliane; MORAES, Sandra M. O que é pornografia?. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1985.